

## Os dilemas da Dinamarca morena

por Gustavo H. B. Franco

**Hamlet é ambíguo e contraditório como a política econômica: ser ou não ser neoliberal?**

O noticiário cada vez mais rarefeito sobre a crise internacional parece encontrar uma curiosa má vontade, uma espécie de angústia da monotonia, ao menos no tocante à economia. Os mercados querem volatilidade, movimento, reformas, gás lacrimogêneo, mas, em vez disso, parecemos uma grande Dinamarca, onde tudo parece estar pronto, ou se aprontando lentamente pelo setor privado, indiferente à vontade e às ações midiáticas do Rei.

Bem, somos uma Dinamarca meio grande talvez, mais morena e malandra, e seguramente muito mais repleta de podres. As analogias com a tragédia de Shakespeare são tentadoras, especialmente se trabalharmos com alegorias para as mulheres da trama: Gertrudes, a rainha, mãe de Hamlet, e Ofélia, a prometida do Príncipe, filha de um alto oficial da corte e irmã de Laertes. A primeira é a Estabilidade, a segunda representa a Virtude em Políticas Públicas, a esposa ideal para o filho da Estabilidade.

Segundo a versão morena da tragédia, o verdadeiro rei não morreu de causas naturais, e a rainha Gertrudes, a Estabilidade Monetária, foi tomada como esposa pelo irmão do rei envenenado, num ato de apropriação indébita, dentre tantos neste reino. Os inimigos da Estabilidade, no fundo, queriam-na para si, todos os achaques contra a Rainha eram falsos, calúnias para enfraquecer o verdadeiro rei.

O filho da Estabilidade, sobrinho do Rei, o príncipe Hamlet, é avisado pelo fantasma de seu pai sobre o crime cometido pelo tio; mas nem precisava da lembrança, pois está em todos os jornais: o presidente não se



GUSTAVO H.B. FRANCO é economista e professor da PUC-Rio e escreve quinzenalmente em ÉPOCA. Foi presidente do Banco Central do Brasil.

<http://www.gfranco.com.br/>  
[gfranco@edglobo.com.br](mailto:gfranco@edglobo.com.br)

cansa de dizer que a Estabilidade lhe pertence, pois com ela se casou, e seus áulicos, como o presidente do BNDES, dizem que o Plano Real foi feito em 2003.

O atormentado príncipe teme pela sua vida, e encena uma loucura para lhe assegurar o exílio ou a indiferença dedicada aos alienados. Hamlet é ambíguo e contraditório, tal como a política econômica: pratica metas de inflação, mas ameaça com o plebiscito da Vale, ou com o confisco das florestas de eucaliptos da Aracruz em favor de índios aculturados. Brandindo a caveira das utopias abandonadas, Hamlet, em solilóquio que ficaria famoso, pergunta, mesmo sabendo a resposta: ser ou não ser neoliberal?

A aparente loucura da Hamlet desnorteia Ofélia, sua prometida, a Virtude na Política Econômica, a Credibilidade Internacional. Seu irmão Laertes, o Mercado, preocupa-se com a moça, transtornada pelas oscilações de temperamento de Hamlet. Todos querem o casamento entre o sucessor da Estabilidade e a Virtude, mas Ofélia não compreende a ambiguidade do Príncipe e deixa-se manipular pelo Rei, um mestre na dissimulação, ou da arte de manter-se distante das intrigas que põe em movimento.

Hamlet, levando sua loucura encenada ainda mais adiante, renega Ofélia, diz que não se casará com o Neoliberalismo e sugere que ela se interne em um convento, lugar das Virtudes desnecessárias para uma época profana. Confusa e magoada, Ofélia, suicida-se, provocando comoção e afastando o reino da Virtude em Políticas Públicas. Desesperado, Laertes conclama os maus humores do Mercado contra o reino, e contra Hamlet em especial. Uma crise se avizinha, a bolsa despenda, o dólar dispara e na derradeira cena, Laertes e Hamlet disputam uma esgrima esportiva, cheia de subtexto, que se torna uma luta mortal, enquanto o verdadeiro vilão, o Rei, envenena o vinho que ambos tomarão. Mas quem o bebe é a pobre Rainha Gertrudes, cuja perda o Rei não parece lamentar. E com a Estabilidade envenenada e morta, Hamlet enlouquece de ódio, fere o Rei com sua espada envenenada, e a si mesmo, e a história termina em carnificina.

Sim, caro leitor, somos uma Dinamarca morena, onde a tragédia ainda não se consumou como profetizada pelo célebre bardo inglês em 1600. Para evitá-la, basta que o Príncipe recobre sua lucidez. Afinal, Hamlet, nesta versão morena, não é apenas uma alegoria para as Autoridades Econômicas, mas é também você leitor, somos nós, todos imersos em hesitações caracteristicamente humanas, ou tucanas, diante das escolhas difíceis que se nos oferecem